

The Hidden Drug.

A droga oculta

UM ESTUDO SOBRE O PODER
VICIANTE DA POLARIZAÇÃO DO
DEBATE PÚBLICO

INTRODUÇÃO

The Hidden Drug.

NO DEBATE PÚBLICO, A "POLARIZAÇÃO" É, CURIOSAMENTE, UM DOS CONCEITOS QUE MENOS POLARIZA A SOCIEDADE:

existe há décadas um consenso geral de que o seu avanço é crescente e que constitui um dos fatores de maior risco para a estabilidade dos estados democráticos, os únicos em que o exercício da dissidência é viável na prática, mesmo a partir das posições mais extremas.

As causas, o âmbito e as consequências da polarização nas nossas sociedades foram objeto de inúmeros estudos. Surgem em todas análises questões como a fragmentação social causada pelo aumento da desigualdade, o enfraquecimento dos partidos políticos tradicionais - geralmente depositários da moderação - e a consequente ascensão dos movimentos populistas, ou a degradação dos níveis escolares. No entanto, é certo que este fenómeno não atingiria a sua tão preocupante dimensão atual sem o contributo das redes sociais como espaço ideal para a sua expansão.

A MECÂNICA DA POLARIZAÇÃO.

A POLARIZAÇÃO É PARTE DO DISCURSO PÚBLICO E CONDICIONA A FORMA COMO A INFORMAÇÃO É INTERPRETADA E SE DESCODIFICAM NA ESFERA CIVIL AS MENSAGENS DA ESFERA POLÍTICA.

O termo "polarização" é utilizado como equivalente de conceitos avaliativos, tais como "radicalização" ou "extremismo". A polarização alude ao processo de reafirmação das próprias crenças que ocorre após a participação num debate sobre uma questão controversa, na qual são apresentadas provas e interpretações alternativas. Por isso, o que é novo não é tanto que as posições resultantes desta interação sejam extremas (embora isso seja frequentemente o resultado), mas sim a atitude de ignorância intencional (quando não de desprezo) das provas e argumentos que forçariam a alterar as crenças. Por conseguinte, convém clarificar alguns dos mecanismos psicológicos, cognitivos, sociológicos e éticos envolvidos na reprodução social da polarização.

1. A polarização ideológica não é idêntica à polarização afetiva. Diferentes autores refletem que a disparidade de opiniões privadas quanto a medidas legislativas concretas costuma ser menor do que a manifestada publicamente: enquanto em privado as atitudes tendem a ser mais moderadas e favoráveis a um certo grau de transação ideológica, em público enfatizam-se as diferenças e as avaliações são mais bipolares (Garmendia e León, 2021). Por seu lado, os porta-vozes dos partidos políticos tendem a defender posições mais radicais e estanques do que as que o seu eleitorado exprime em privado. Isto aponta para o shorting (alinhamento) como uma das principais causas da polarização social: a necessidade de confiar nos representantes e delegar-lhes parcialmente o juízo resulta numa polarização das opiniões. O caso do aborto nos EUA é paradigmático a este respeito.

2. O absolutismo moral (Viciano et. al., 2019) está subjacente a muitas das dinâmicas polarizadoras do nosso espaço público. Questões que não são intrinsecamente morais são enquadradas, interpretadas e comunicadas como se o fossem. O desacordo em matéria económica, política e administrativa manifesta-se assim sob a forma de indignação, intolerância ou aberração. A neurociência e a psicologia experimental dos nossos dias revelam que estas emoções morais são reações evolutivas fisiologicamente distintas das do nosso sistema deliberativo.

3. Este fenómeno, por sua vez, tem a ver com a tendência de cada vez mais pessoas considerarem os seus juízos morais como tendo o valor de um conhecimento objetivo que, por isso, não pode ser sujeito a discussão. Esta tendência foi verificada através de estudos experimentais que dão conta de uma maior convicção por parte dos que participam no debate público, bem como uma maior resistência a considerar provas e argumentos que forçariam uma mudança de posição.

4. São os mais convencidos os que mais participam nos debates públicos e nas redes sociais. Tal coincide com a constatação de que são os mais radicalizados os que participam mais em organizações políticas ativas, e também os que mais manifestam publicamente a sua opinião. O debate público está dominado por "convencidos" e militantes, que condicionam dessa forma a estrutura da discussão e distorcem o estado "real" da opinião maioritária.

5. A consequência é uma mudança da função do desacordo em contextos deliberativos.

Tradicionalmente, considera-se que o desacordo pressupõe a revisão das próprias crenças (se, após fazerem contas sobre uma refeição num restaurante, os comensais chegam a resultados diferentes, presume-se que irão rever o seu cálculo da divisão das despesas). O auge de atitudes "convencidas" significa que, pelo contrário, o desacordo gera o entrenchamento e a polarização das próprias posições.

6. A mediação digital reforçou a perceção do vínculo de pertença a comunidades marcadas pela ideologia, pela estética, pelas adesões e pelos antagonismos. Embora a cognição individual seja sempre mediada pelo grupo, a exposição seletiva às opiniões afins nas redes sociais catalisou este fenómeno. Daí que recentemente tenha sido proposta a substituição do conceito de "bolhas epistémicas" (Nguyen, 2020) pelo de "bunkers epistémicos" (Furman, 2022), no sentido de enfatizar a componente afetiva e identitária.

7. Por último, estes mecanismos psicológicos devem ser contextualizados na **atual crise das intermediações** descrita por Ignacio Sánchez-Cuenca (2022), principalmente ao nível dos partidos e dos meios de comunicação social. A consequência disto é uma maior confiança nas próprias opiniões ao ponto de a discrepância com o consenso poder ser encarada como um fator de confirmação da validade das próprias crenças.

POLARIZAÇÃO, UMA NOVA DROGA SOCIAL.

O estudo sobre polarização realizado pela LLYC mergulha nas redes sociais para explicar a evolução da polarização em doze países ao longo dos últimos cinco anos, usando como referência o debate social sobre os temas que maior controvérsia geram. De acordo com a análise das páginas de resultados de pesquisa do Google sobre os temas mais controversos, os dez principais territórios que geram maior interesse nos países selecionados são: aborto, alterações climáticas, direitos humanos, feminismo, imigração, liberdade de expressão, pena de morte, racismo, salário mínimo e sindicatos.

Através da análise de mais de 601 milhões de mensagens no Twitter recolhidas entre 1 de setembro de 2017 e 31 de agosto de 2022, foram identificados os temas com o maior volume de debate em cada país, as suas variações ao longo deste período, o nível de interligação entre as comunidades envolvidas no debate, a adição que provocam e o papel dos ativistas de ambos os lados do espectro político.

A aplicação da inteligência artificial na análise do gigantesco volume de mensagens trocadas nas redes sociais é essencial para conhecer os temas debatidos, a forma como as opiniões são expressas, quem ativa os debates e quais as reações que estes provocam. Obtém-se assim uma imagem real do momento e da evolução dos debates, livre de preconceitos, que facilita uma melhor compreensão das tendências de opinião, além de permitir a identificação de áreas de oportunidade em que uma organização tem legitimidade para interagir e pode contribuir com ideias e conteúdos de valor, ao mesmo tempo que identifica os riscos associados. Este é todo um acervo de informação para definir estratégias de comunicação e relacionamento fiáveis, positivas e eficazes.

METODOLOGIA DO ESTUDO.

A medição da polarização assenta na identificação das principais comunidades a partir da análise de engagement (algoritmos: Modularidade de Lefèbvre e Layout Force Atlas 2) para depois avaliar o nível de interligação entre comunidades opostas e medir a probabilidade de uma mensagem de uma comunidade poder alcançar a outra (algoritmos: PageRank e Betweenness Centrality). A inferência do debate progressista/conservador foi desenvolvida a partir de uma etiquetagem manual das principais comunidades por país. O processamento de dados e o cálculo de métricas foram desenvolvidos inteiramente em Python.

A metodologia de medição da adição parte do objetivo de obter uma métrica independente. Foi medido o engagement (envolvimento) do tipo comment (comentário), em oposição ao tipo share (partilha) utilizado para medir a polarização. Foi depois medido o nível deste tipo de engagement por perfil em cada um dos territórios. Para validar a hipótese, confirmou-se que existe uma correlação significativa entre a polarização e a adição medidas.

VICIADOS NO CONFLITO.

A adição às redes sociais atinge, em certos casos, o nível de uma droga: uma droga oculta por detrás da aparente normalidade da utilização destas plataformas digitais. A literatura sobre este tipo de adição refere-se a efeitos como a perda de controlo, a absorção mental ou a alteração grave dos hábitos diários da pessoa. Segundo Enrique Echeburúa (2018), Professor Catedrático Emérito de Psicologia Clínica na Universidade do País Basco (UPV/EHU), os estados emocionais como a impulsividade, o desconforto emocional ou a busca exagerada de emoções fortes aumentam a adição.

Para Mariano Sigman, neurocientista e autor de "El poder de las palabras" (2022), "é difícil medir o risco exato de uma adição; nalguns casos é bem conhecido, mas noutros, como a polarização, não é. As grandes tragédias humanas e os massacres resultam de momentos de incompreensão, da exacerbação deste mecanismo pelo qual um grupo não consegue compreender as ideias do outro. Esta incompreensão fá-lo odiá-lo a tal ponto que decide que a única forma de o resolver é matar todos numa guerra. Este pode ser o risco real de uma droga como a polarização".

(anexo pág. 8)

(anexo pág. 9)

(anexo pág. 18)

Será este desejo de emoções fortes, associado à necessidade de afirmar as próprias ideias e de confrontar os que procuram impor as suas, que eleva os níveis de polarização? Em todo o universo analisado neste relatório, pode observar-se um aumento progressivo desta "adição"; ou seja, o nível de envolvimento ou engagement dos tweeters de ambos os lados do espectro político nos territórios de debate. Na América Latina, a adição ao debate aumenta após a pandemia e mantém uma progressão de 8% ao ano, sendo as alterações climáticas, o racismo, o salário mínimo e a imigração os que mais aumentam (8). Também está a acelerar nos Estados Unidos (+13%), especialmente nas discussões sobre a pena de morte e os direitos humanos (9). E em Espanha, e esta é uma característica singular, a mais forte adição é a provocada pelo debate em torno do feminismo e dos sindicatos, este último ligado à controvérsia sobre a reforma da legislação laboral (18).

(anexo pág. 14)

Observa-se no conjunto dos países ibero-americanos analisados que o nível de polarização aumentou 39% desde 2017 até hoje, sendo também notável que, face a um domínio esmagador do debate pelo setor que designaremos por "progressista", houve no último ano uma eclosão do lado "conservador" que, nalguns casos, ultrapassou até os seus rivais (14).

(anexo pág. 15)

(anexo pág. 20)

(anexo pág. 25)

(anexo pág. 30)

Neste equilíbrio entre "progressistas" e "conservadores", existem diferenças notáveis em função do país. Nos Estados Unidos, na Colômbia, no Brasil ou em Portugal são os primeiros que claramente dominam o campo do debate. Em contraste, no México, na Argentina, na República Dominicana e no Panamá o lado conservador é o predominante. O equilíbrio é a tônica nos restantes países analisados (15).

Analisando mais profundamente os dados, observa-se nalguns países um evidente "rearmamento" dos grupos mais à direita, que se estão a organizar para reforçarem a sua presença no Twitter. No caso de Espanha, o surgimento do Vox na cena política muda de tal forma o estado das coisas que, no final de 2022, o share do debate digital está praticamente empatado (20).

O Brasil, o país com maior grau de polarização, conheceu um fenómeno semelhante nos últimos meses, em que a irrupção de ativistas de direita em debates como o do aborto ou o da liberdade de expressão lhes permitiu igualar as forças (25).

O México é um caso diferente: a facção conservadora tem dominado o debate desde a entrada em funções de López Obrador como presidente (30).

OS CAMPOS DE BATALHA.

É evidente que a dimensão do debate social é praticamente inabarcável. Qualquer questão, por menor que seja, pode ser elevada ao estatuto de objeto de discussão: basta que dois o queiram (e as redes o abençoem). No entanto, há assuntos que atraem poderosamente a atenção e as preocupações das massas em confronto, pois apelam diretamente às convicções mais enraizadas e suscitam mais a emoção do que a razão. No estudo da LLYC, o aborto é o tema que mais polarização suscita na globalidade dos países; outras questões como o feminismo, a imigração, as alterações climáticas, a liberdade de expressão e os direitos humanos ou o racismo promovem também discussões acaloradas, embora com nuances dependendo do país (11).

É importante sublinhar que o volume do debate sobre um tema não é equivalente ao nível de polarização, que se regista quando há pouca ou nenhuma interação entre as comunidades participantes no debate e a divergência de opiniões é maior. Um exemplo desta diferença é o debate sobre o racismo nos Estados Unidos que, após o assassinato de George Floyd, atinge um volume elevadíssimo, mas vê o seu índice de polarização baixar em 74% durante vários meses devido ao maior consenso nas redes. É relevante que, nos últimos doze meses analisados, o debate sobre o racismo nos EUA tenha perdido ímpeto face às controvérsias sobre o aborto, as alterações climáticas e a imigração; o feminismo nem sequer se encontra entre os grandes temas de discussão.

(anexo pág. 17)

Muito pelo contrário, em Espanha (17) é notável o facto de o feminismo concentrar o maior volume do debate com um baixo nível de polarização, em oposição a um tema como a imigração, que apresenta um elevado volume de debate altamente polarizado. Nos últimos cinco anos, a polarização em torno das alterações climáticas foi a que mais cresceu em Espanha (4,1 vezes mais), seguida pela imigração (1,6 vezes mais).

(anexo pág. 10)

Os países da América Latina (10), por seu lado, introduzem no debate nas redes temas como a liberdade de expressão e os direitos humanos, que ocupam o segundo e terceiro lugares, respetivamente, a seguir ao aborto, em termos da intensidade da sua polarização no último ano. O debate sobre o feminismo na região gera menos polarização, em linha com o volume relativamente baixo de debate que acumula, embora se identifique um crescimento progressivo do mesmo (+18% de média anual).

(anexo pág. 22)

O Brasil é o país do sul do continente americano com o maior volume de debate em torno de questões como o racismo - capitalizada pelos progressistas - e a liberdade de expressão - liderada pelos conservadores - embora seja esta última a mais polarizada das duas. No entanto, é o aborto que regista, de longe, os maiores índices de polarização. É notável que no país onde se encontra o pulmão do mundo - a floresta tropical amazónica - a mudança climática produza 80% menos volume de debate do que a globalidade dos países (22).

(anexo pág. 27)

No caso do México, a característica distintiva é a reduzida taxa de polarização em comparação com os outros países analisados. O debate mais polarizado é o da liberdade de expressão, estreitamente relacionado com a discussão genérica dos direitos humanos, que revela o maior volume de debate (27). Os assassinatos de jornalistas, os atentados de traficantes de droga ou as violações de direitos por parte de certas autoridades justificam este estado de opinião.

REDES E MEIOS DE COMUNICAÇÃO.

Uma análise do processo evolutivo destes debates nos diferentes países revela a existência de "iniciadores" que agitam a discussão nas redes, tais como decisões judiciais, acontecimentos políticos ou novas leis, por exemplo. No entanto, outros temas permanecem no fórum público à margem de marcos pontuais. Como assinalam os professores Jordi Rodríguez-Virgili e Javier Serrano Puche (2018), "a irrupção e a popularização da Internet, especialmente das redes sociais, obrigam-nos a repensar ou a atualizar a teoria do agenda setting em relação à opinião pública." (p.37) .

No entanto, empiricamente - e isto acrescentamos nós - não é possível demonstrar até que ponto os debates em rede são gerados espontaneamente pelos cidadãos ou induzidos por terceiros, sejam eles governos, meios de comunicação social, partidos políticos, sindicatos ou outras organizações. O que parece claro é que o seu crescimento e recorrência estão intimamente ligados a ativistas de ambos os lados que têm os recursos e o tempo para influenciar o curso das discussões e aumentar a polarização.

O relatório "Polarização" apresentado pela LLYC ausculta o forte batimento cardíaco da polarização nas redes sociais e dá-nos uma perspetiva sobre quais são as questões que provocam taquicardias intensas no debate público.

O Twitter, em particular, é um fórum onde as tensões, os consensos e as controvérsias que abalam as nossas comunidades são recolhidos e amplificados. Contudo, o debate sobre se as redes causam polarização ainda está aberto. Voltando a Byung-Chul Han (2022): "não é a personalização algorítmica da rede, mas sim o desaparecimento do outro, a incapacidade de ouvir, o que provoca a crise da democracia" (p. 23). E em contraste com a reflexão do filósofo, há estudos como o intitulado "Modeling the emergence of affective polarization in the social media society" que situam diretamente os grupos políticos como instigadores da tensão que se reflete nas redes, os quais seriam assim o poderoso altifalante das mensagens daqueles que contam com o apoio de legiões de seguidores altamente ideologizados (Törnberg et. al., 2021).

Seja como for, e independentemente do grau de culpa das redes pelo estado de confronto social provocado pela polarização, é certo que no seu macrocosmo se desenvolvem papéis que contribuem para intensificar a controvérsia e alimentar o confronto. Um post publicado em **Hateblockers.es**, uma iniciativa que combate o ódio nas redes, dá conta, por exemplo, da atitude "incendiária" dos que designam por influencers, que seriam aqueles que adquirem uma posição central na rede em comparação com o resto dos nós, devido a um número de ligações muito superior ao dos restantes e que, dado o seu estatuto, moldam, dirigem e radicalizam a opinião de milhares de seguidores (Hateblockers, s.f.).

Embora haja muitos estudos sobre a polarização e as suas causas, há menos bibliografia sobre as formas de a ultrapassar. Experiências recentes no campo da psicologia social demonstraram que indivíduos fortemente radicalizados podem moderar as suas posições e alcançar consensos sobre questões morais através de processos de deliberação presenciais (Navajas et. al., 2019). É lícito pensar, no entanto, que a virtualidade das redes não é um bom espaço para imitar tais experiências.

A percepção de que a sociedade se está a polarizar de forma imparável está a impor-se em todas as análises políticas, económicas e sociológicas. A força expansiva das redes sociais contribui tanto para reforçar esta percepção como para alimentar o problema. Do mesmo modo, a opinião dos cidadãos tende a conformar-se com a ideia de que há pouco espaço para um debate público sem estridências: em média, 66% dos cidadãos sentem que a população do seu país não é capaz de debater de uma forma civilizada e construtiva (Edelman Trust Barometer, 2022).

Apesar de tudo, é ainda possível pensar que as redes não podem ser consideradas como a representação virtual de toda uma opinião pública cujas posições são frequentemente mais temperadas do que o que nelas se vê.

Embora o objetivo deste relatório seja descrever, com base em dados, uma tendência claramente discernível, não queremos renunciar a algumas ideias sobre a forma de assegurar que o consumo responsável não se afoga em adições. O objetivo é que sejamos capazes de assumir as nossas próprias responsabilidades, obter informações e aceitar que as nossas crenças podem ser falíveis, pois não temos acesso a todas as provas nem somos capazes de justificar todos os argumentos, reconhecendo a autoridade dos demais na discrepância.

Mas se aceitarmos, como defende Fernando Broncano (2019), que o que é novo sobre a polarização não é a dinâmica cognitiva em si, mas que ela veio usufruir todo o nosso espaço público devido a uma exploração sistemática dos nossos preconceitos cognitivos, não podemos então aceitar que a resposta deva ser meramente individual, através da educação ou da consciencialização.

Convém aceitar que alguns dos mecanismos descritos acima são inerentes à nossa forma de conhecer e de formar crenças. Levy (2022) explica-o através da lógica da "recomendação": formamos sempre, em qualquer contexto, a nossa própria opinião com base na recomendação dos demais e assumindo que as recomendações de uns têm maior autoridade do que as de outros, o que não nos impede de reservar uma margem de autonomia se a recomendação em que confiamos se revelar infundada (tal como quando o restaurante recomendado por um amigo conhecido pelo seu bom gosto não correspondeu às expectativas).

O QUE FAZER?

Como nas outras drogas existentes, a polarização tem efeitos sobre o indivíduo e sobre a sociedade. Converteu-se numa droga que consumimos todos os dias sem o sabermos e que nos pode provocar depressão, irritabilidade, dependência, distanciamento social, críspação generalizada e um aumento do discurso do ódio. Num mundo onde as mensagens incendiárias tomaram conta do debate, a polarização impede-nos de encontrar consenso e terreno comum. Por isso, **temos a responsabilidade de criar esses espaços de conciliação, descontração e pausa para encontrar uma saída para esta situação.**

Estes espaços são uma responsabilidade tanto individual como pública. Se o debate mediático e digital é já uma arquitetura de recomendações (sobre política, ciência, sociedade, estilos de vida, etc.) cada vez mais segmentada, se não existe um espaço neutro de discussão, porque não intervir para dar acesso a certos tipos de recomendações que favorecem ou impulsionam (**nudging**) decisões e crenças favoráveis ao espaço público deliberativo e à vida democrática?

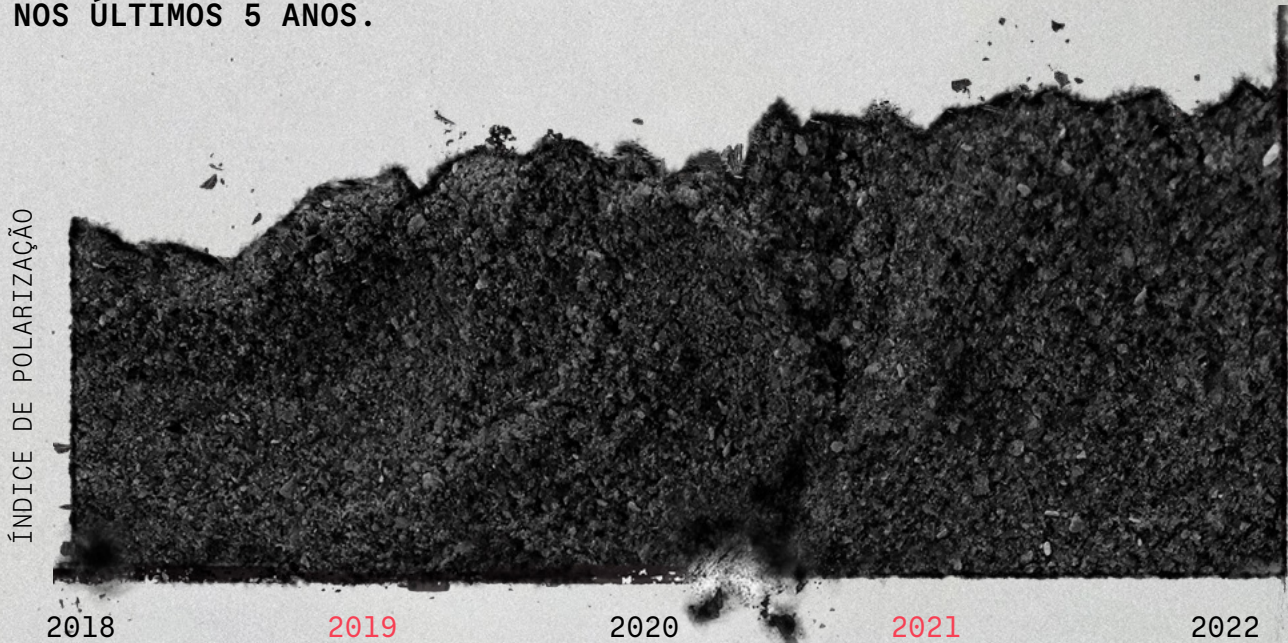
Não só porque não "podemos desistir", mas também porque não devemos. Para Cristina Monge, presidente de Más Democracia, "uma democracia de qualidade requer um espaço público seguro para deliberação. Na medida em que a polarização nos círculos políticos e mediáticos o impede, eles estão a comprometer a qualidade das democracias a um nível que ainda não podemos precisar". Apesar dos problemas e consequências não desejadas que gera, alguns dos quais salientados neste relatório, a mediação digital da deliberação democrática é um facto. A formação de opinião, o acesso à informação e à opinião de especialistas, mas também a participação dos cidadãos como agentes, envolve necessariamente as redes sociais. O filósofo iluminista Denis Diderot argumentou que,

ao entrar no teatro, o espetador suspende a sua descrença para conseguir sentir a representação como real. Cabe-nos hoje seguir o caminho oposto e suspender a credulidade sobre as redes sociais como a única forma possível de conduzir o debate público. Arias Maldonado (2016) recomendou a atitude do "ironista melancólico" que não leva tão a sério a gravidade dos desacordos, que desvaloriza a sua militância pelas suas próprias ideias e deixa de confundir a expressão das suas opiniões com a sua identidade mais íntima. Este ethos de humildade, que se opõe à arrogância dos convencidos, permitir-nos-á um "consumo controlado" de um debate público estruturalmente viciante.

Apesar de tudo, temos de continuar a ousar pensar.

INSIGHTS GLOBAIS.

O NÍVEL DE POLARIZAÇÃO DO DEBATE NA AMÉRICA LATINA CRESCEU 39% NOS ÚLTIMOS 5 ANOS.

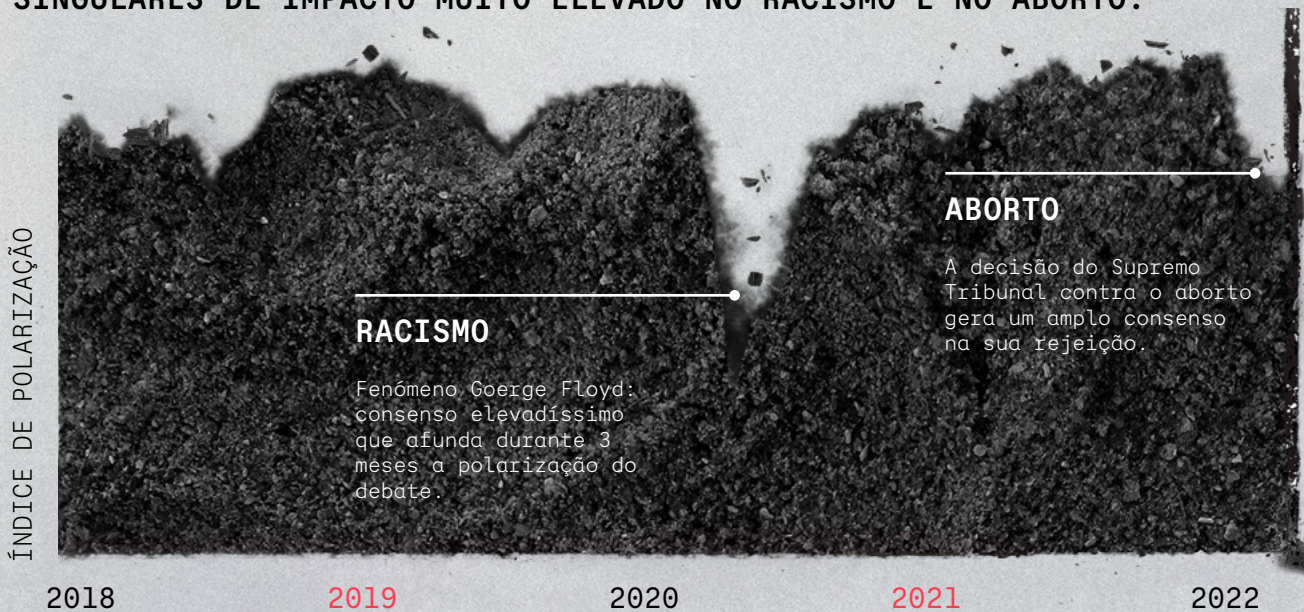


EVOLUÇÃO DA POLARIZAÇÃO NA IBEROAMÉRICA

As menores controvérsias sobre o feminismo e o aborto explicam uma tendência inicial para a diminuição.

Segue-se um período de forte crescimento impulsionado por um debate brasileiro cada vez mais polarizado.

OS EUA REVELAM UMA TENDÊNCIA CRESCENTE, AMORTECIDA POR DOIS MARCOS SINGULARES DE IMPACTO MUITO ELEVADO NO RACISMO E NO ABORTO.



RACISMO

Fenômeno Goerge Floyd: consenso elevadíssimo que afunda durante 3 meses a polarização do debate.

ABORTO

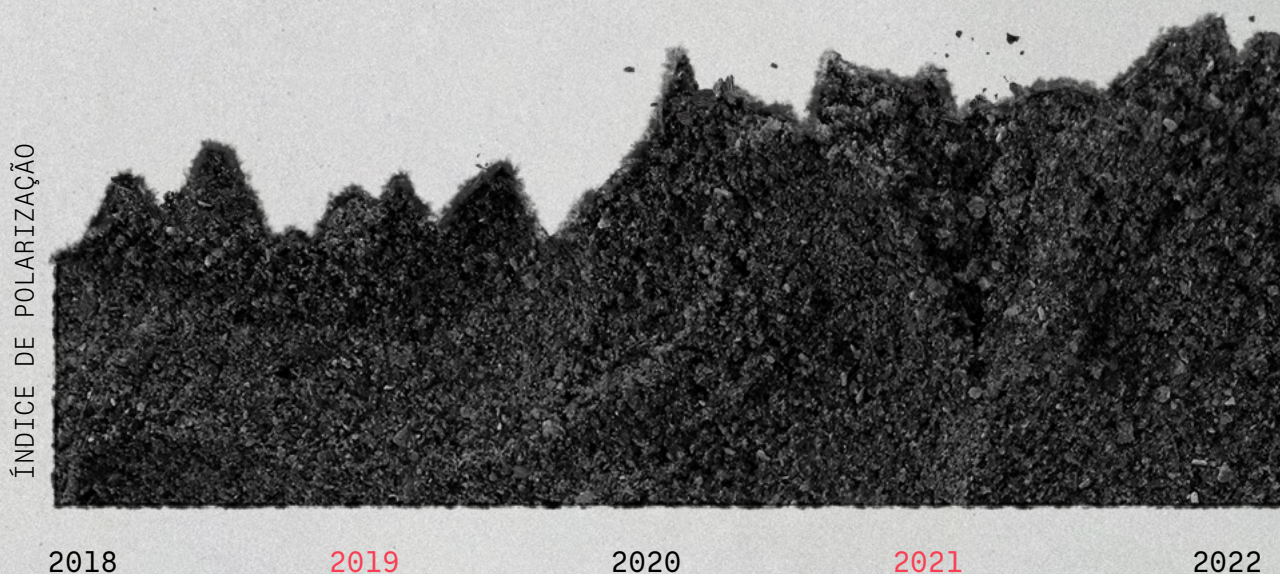
A decisão do Supremo Tribunal contra o aborto gera um amplo consenso na sua rejeição.

EVOLUÇÃO DA POLARIZAÇÃO NOS EUA

O caso George Floyd está associado a uma rejeição social de elevado volume e consenso que resulta numa queda temporária de 74% na polarização.

As decisões judiciais dos últimos meses contra o aborto geraram um movimento de rejeição altamente consensual (-27%).

A ADIÇÃO AO DEBATE NA AMÉRICA LATINA CRESCEU 11% NO MÊS EM QUE A PANDEMIA FOI DECLARADA, E NÃO PARA DE CRESCER DESDE ENTÃO.

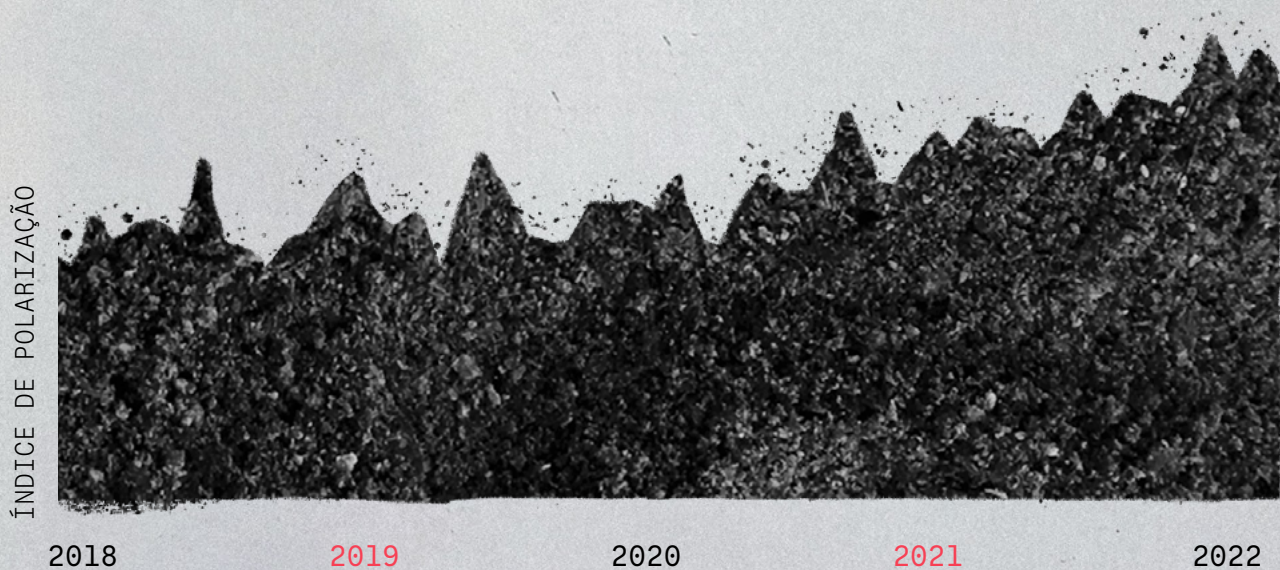


EVOLUÇÃO DA POLARIZAÇÃO NA IBEROAMÉRICA

A pandemia aumenta significativamente a adição ao debate que, até à data, tinha revelado um perfil plano.

Com a Covid chegam níveis de adição com um crescimento contínuo a uma taxa de 8% ao ano.

NOS EUA, OS NÍVEIS DE ADIÇÃO AO DEBATE REVELAM UM CRESCIMENTO CONTÍNUO DE 15% AO ANO.



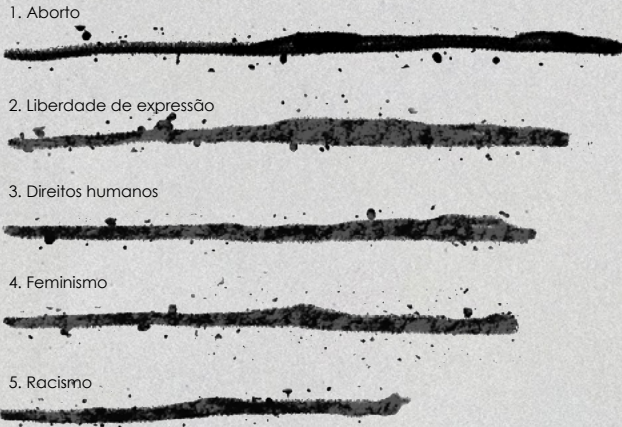
ADIÇÃO AO DEBATE SOCIAL NOS EUA

Os territórios com o maior nível de adição são a pena de morte (+19% acima da média) e os direitos humanos (+12%).

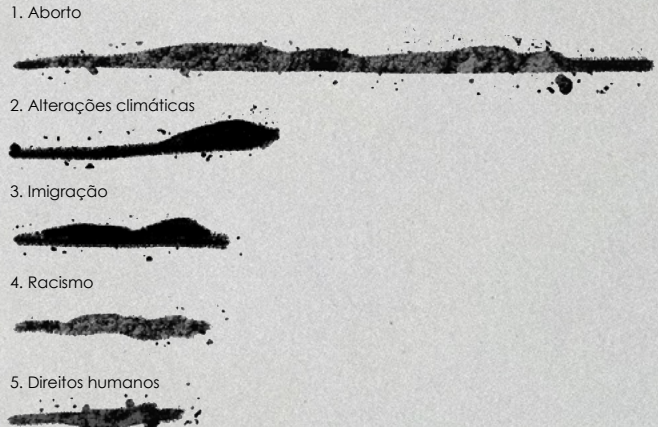
Nos últimos meses, a pendente de crescimento até acelerou (+13%) acima da média.

COM A EXCEÇÃO DO ABORTO, AS ÁREAS QUE MAIS POLARIZAM O DEBATE SÃO DIFERENTES NOS EUA E NA AMÉRICA LATINA.

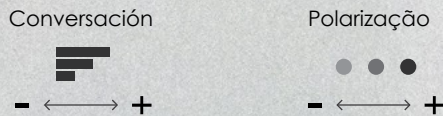
IBERO-AMÉRICA



USA



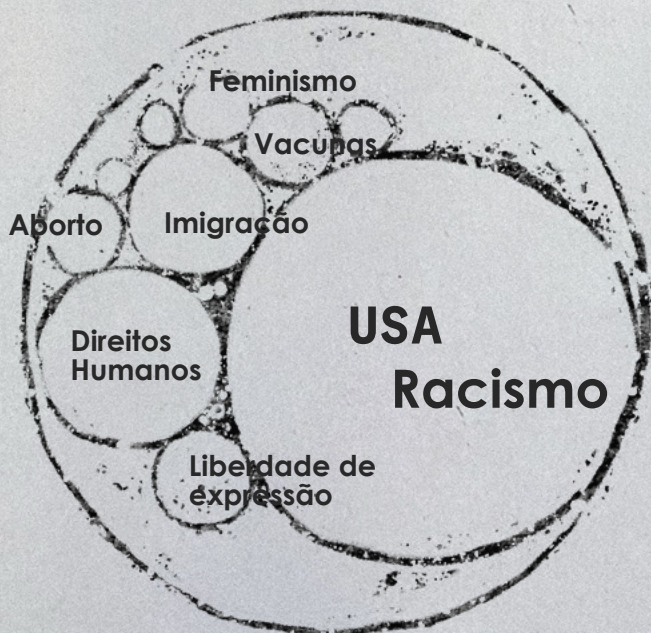
TOP DOS TERRITÓRIOS POR POLARIZAÇÃO (ÚLTIMOS 12 MESES)



Enquanto na Iberoamérica a liberdade de expressão e os direitos humanos são as áreas mais controversas a seguir ao aborto, nos EUA o debate mais polarizado divide-se entre as alterações climáticas e a imigração.

O feminismo só atinge o top da notoriedade na Iberoamérica.

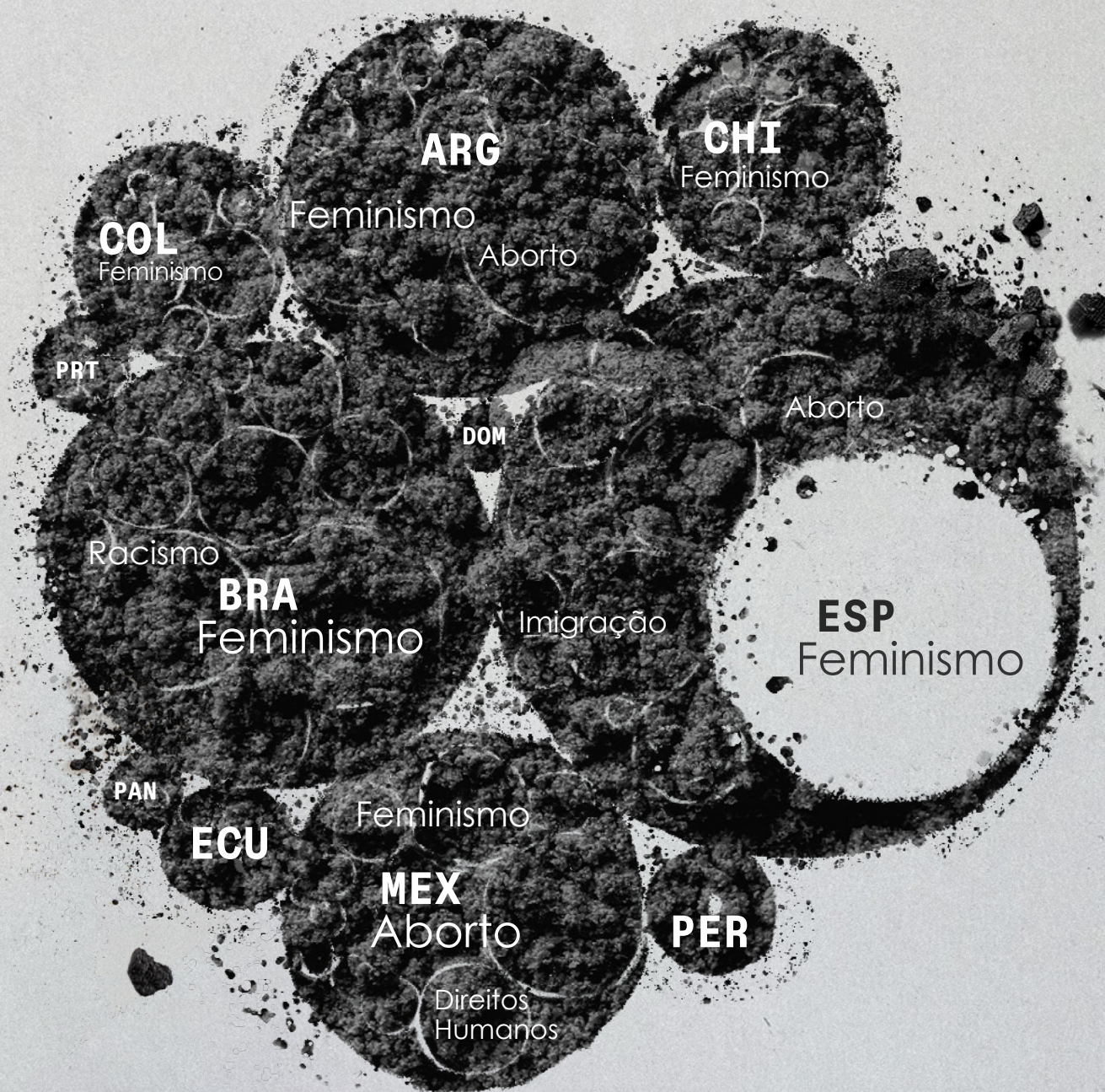
O RACISMO É O TERRITÓRIO QUE REVELA MAIOR TENDÊNCIA PARA O CONSENSO, IMPULSIONADO PELO FENÓMENO GEORGE FLOYD COMO ÍCONE.



ADIÇÃO AO DEBATE SOCIAL NOS EUA

O caso Floyd altera a tendência de um território que, desde então, ganha em notoriedade (72%) e reduz as suas taxas de polarização.

COMO O FEMINISMO SE ESTABELECE COMO UM TERRITÓRIO NA IBERO-AMÉRICA.



ADIÇÃO AO DEBATE SOCIAL NOS
EUA

Na América Latina, o feminismo é um dos principais territórios que revela um nível de polarização inferior à média (-16%).

MESMO VINDO DE NÍVEIS INFERIORES DE CONTROVÉRSIA, A POLARIZAÇÃO DO FEMINISMO NA AMÉRICA LATINA ESTÁ A CRESCER (+18%/ANO), ENQUANTO NOS EUA PERMANECE CONSTANTE.

ÍNDICE DE POLARIZAÇÃO



2018

2019

2020

2021

2022

EVOLUÇÃO DA POLARIZAÇÃO SOBRE O FEMINISMO

↑ Ibero-américa
↓ USA

Após alguns meses de declínio, a polarização do feminismo latino-americano cresce de forma constante, interrompida apenas pelo confinamento pandémico.

Nos EUA, o protagonismo do aborto amortece o debate sobre o feminismo.

AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS POLARIZAM MAIS NOS EUA DO QUE NA AMÉRICA LATINA (+30%) E TAMBÉM MOBILIZAM UM MAIOR VOLUME DE DEBATES (+98%).

ÍNDICE DE POLARIZAÇÃO



2018

2019

2020

2021

2022

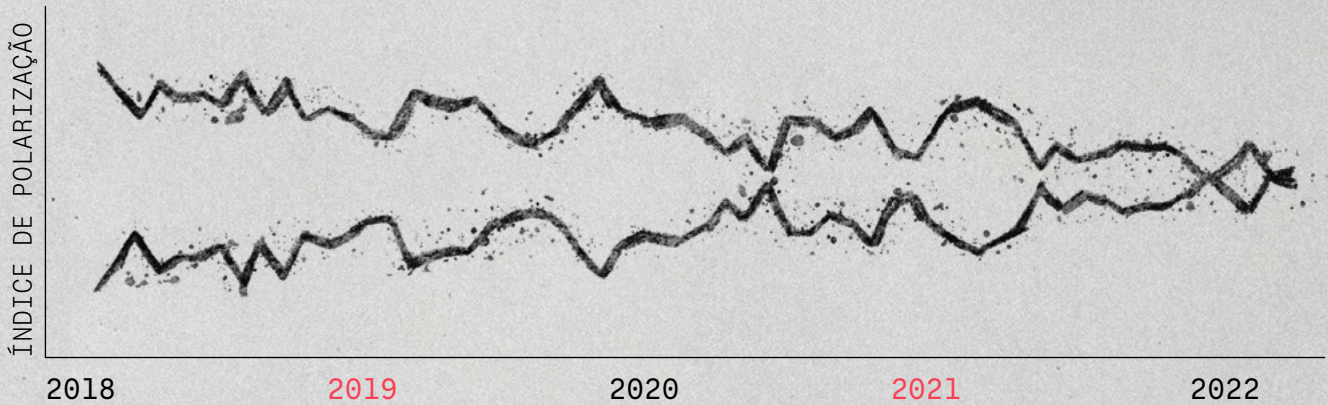
EVOLUÇÃO DA POLARIZAÇÃO SOBRE AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

↑ Ibero-américa
↓ USA

A polarização sobre as alterações climáticas na América Latina aumenta 82% até junho de 2020, momento em que se estabiliza.

Nos EUA, a polarização volta a crescer com a campanha para as eleições presidenciais de 2020.

A INCORPORAÇÃO DA DIREITA NO DEBATE IBERO-AMERICANO FAZ DESAPARECER O FOSSO PROGRESSISTA/CONSERVADOR (DE 40% PARA 0).

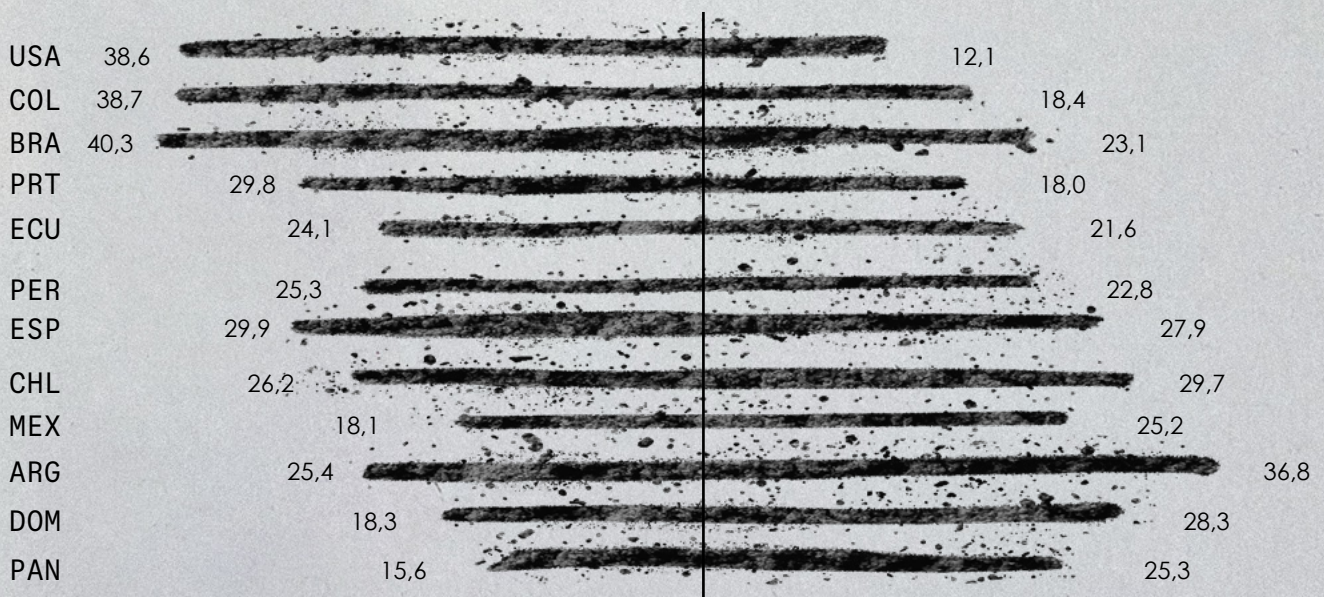


EVOLUÇÃO DA POLARIZAÇÃO SOBRE O FEMINISMO

Em contraste, nos EUA produz-se a tendência inversa: as vozes progressistas continuam a alargar o fosso face às vozes conservadoras.

- ↑ Progressivos
- ↓ Conservadores

NO ENTANTO, O SEU PESO ESPECÍFICO NO DEBATE NÃO É O MESMO EM TODOS OS PAÍSES.



O gráfico mostra o equilíbrio do debate por cada um dos blocos (conservador/progressista) nos 12 países estudados ao longo dos últimos 12 meses.

Os países estão ordenados do maior ao menor em termos do diferencial progressista-conservador.

EM
ESPANHA . . .

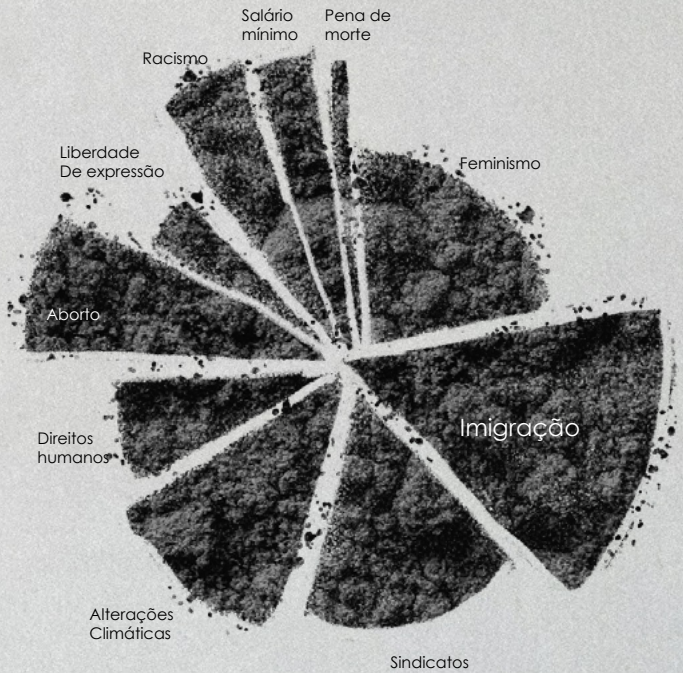
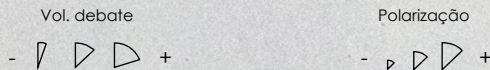
A IMIGRAÇÃO É O TERRITÓRIO QUE MAIS POLARIZA A SOCIEDADE ESPANHOLA ATUAL.

TOP DOS TERRITÓRIOS EM ESPANHA ATUALMENTE

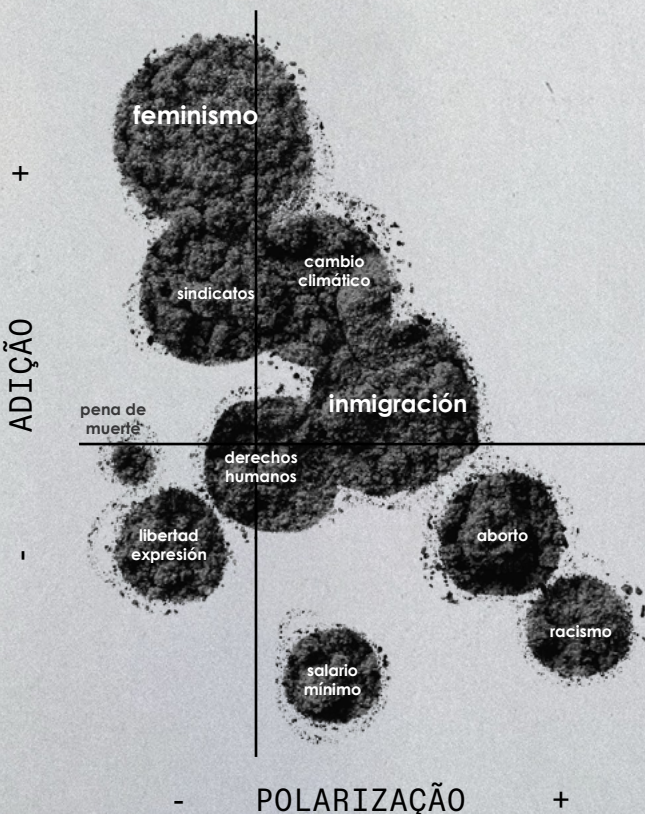
O feminismo lidera em termos de volume do debate, mas revela um nível inferior de polarização.

Os sindicatos são o terceiro território no ranking, embora tenham sido mais proeminentes no último ano do que nos anteriores devido a questões conjunturais (reforma da legislação laboral).

Nota: o ângulo da fatia representa o volume do debate, enquanto o raio representa a polarização nos diferentes territórios em Espanha durante os últimos 12 meses.



O FEMINISMO E OS SINDICATOS GERAM MAIS ADIÇÃO EM ESPANHA, ENQUANTO O RACISMO E O ABORTO GERAM MAIS POLARIZAÇÃO.



DIFERENÇA ENTRE O DEBATE ESPANHOL E O GLOBAL ATUALMENTE.

Entre os territórios mais significativos em termos de volume, a imigração é a que gera maior diferencial de polarização.

A liberdade de expressão, embora presente em termos de volume, revela níveis mais baixos de polarização e adição, especialmente quando comparada com os principais países da América Latina.

Nota: o gráfico representa as diferenças de polarização e adição dos diferentes territórios no debate espanhol face ao debate global (o dos 12 países no seu conjunto) nos últimos 12 meses. A posição (0,0) significa polarização e adição idênticas às do debate global. O tamanho do círculo exprime o volume do debate.

AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS (4,1 VEZES MAIS) E A IMIGRAÇÃO (1,6 VEZES MAIS) SÃO AS ÁREAS QUE MAIS SE POLARIZARAM EM ESPANHA NOS ÚLTIMOS 5 ANOS.

1. Alterações climáticas

2. Imigração

3. Aborto

4. Sindicatos

5. Feminismo



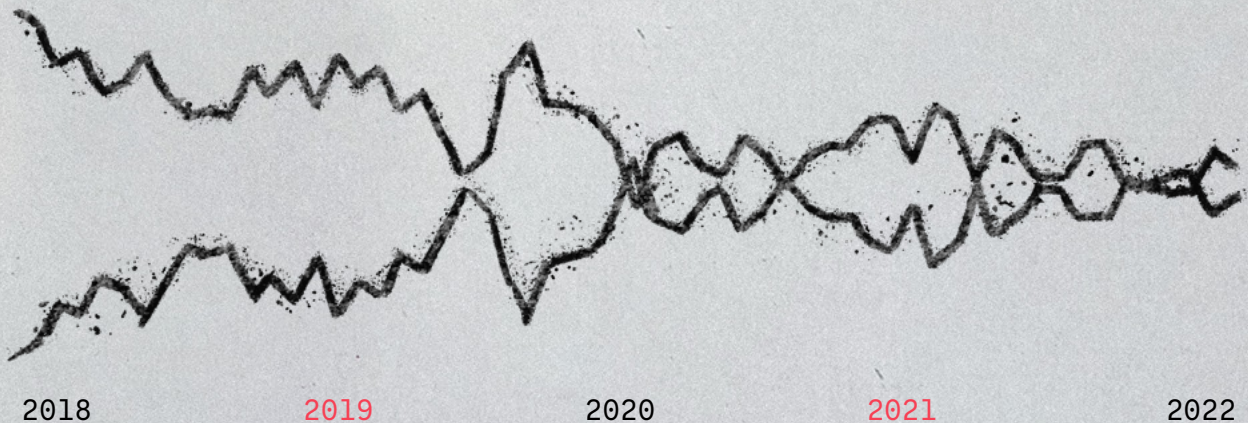
TERRITÓRIOS COM O MAIOR CRESCIMENTO DE POLARIZAÇÃO EM ESPANHA

* crescimento comparativo entre os seis meses iniciais e os seis meses finais do estudo.

Por outro lado, a liberdade de expressão e os direitos humanos são as áreas que conheceram a maior diminuição da polarização.

O aborto cresce em polarização, fundamentalmente devido a alterações legislativas ao longo do exercício de 2022.

O DIFERENCIAL ENTRE AS VOZES CONSERVADORAS E AS PROGRESSISTAS EM ESPANHA ATINGIU O EQUILÍBRIO DURANTE 2022.



VOLUMEN DE CONVERSACIÓN POR IDEOLOGÍA EN ESPAÑA

↑ Progressivos
↓ Conservadores

Em 2017, as vozes progressistas dominaram os territórios de polarização máxima, com mais do dobro do protagonismo.

Coincidindo com o desenvolvimento da estrutura partidária Vox, começa o crescimento do share de debate das vozes conservadoras.

NO
BRASIL...

LIBERDADE DE EXPRESSÃO E ABORTO ENTRE OS MAIS DESTACADOS NA POLARIDADE DO BRASIL.

TOP DOS TERRITÓRIOS NO BRASIL ATUALMENTE

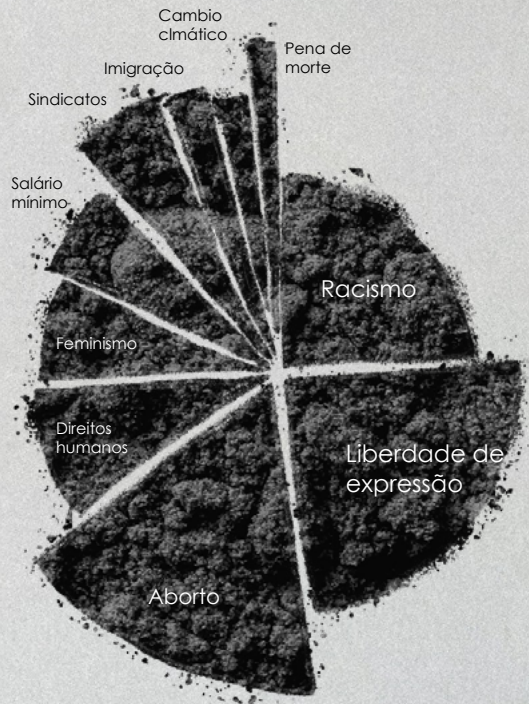
O racismo, embora com uma polarização inferior à da liberdade de expressão (-9%), é o território que mais debate produz.

Apesar de conter a maior floresta tropical do mundo, o Brasil produz 80% menos volume de debate sobre as alterações climáticas do que todos os países em termos globais.

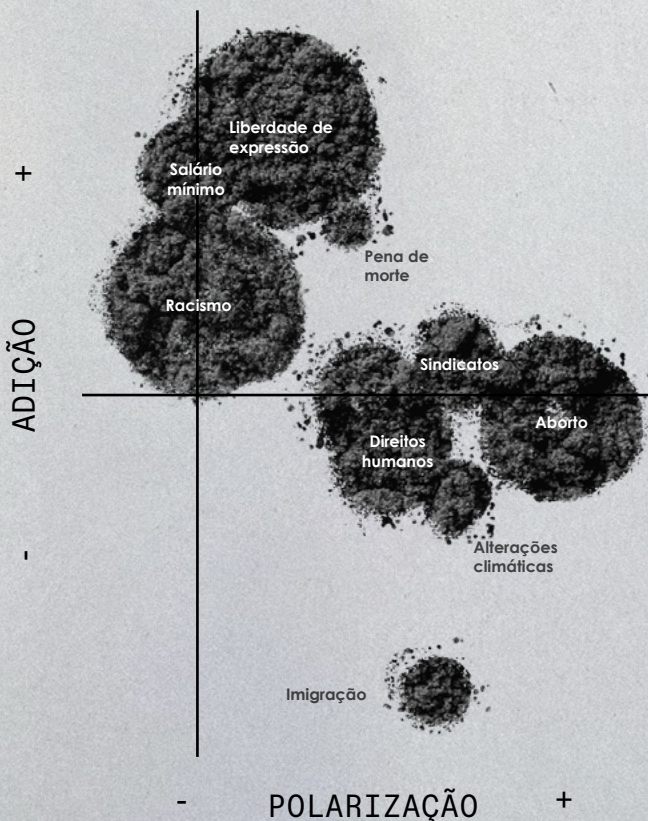
Nota: o ângulo da fatia representa o volume do debate, enquanto o raio representa a polarização nos diferentes territórios no Brasil durante os últimos 12 meses.

Vol. debate
- ▽ ▹ ▸ +

Polarização
- ▽ ▹ ▸ +



BRASIL: É O PAÍS COM MAIOR POLARIZAÇÃO.



DIFERENCIAL ENTRE O DEBATE BRASILEIRO E O GLOBAL ATUALMENTE

Aborto, direitos humanos e feminismo, as áreas que geram mais polaridade comparativa entre as de volume significativo.

A liberdade de expressão está acima da média na polaridade e tem o maior diferencial de adição.

O salário mínimo e o racismo são os únicos com uma polaridade semelhante à global.

Nota: o gráfico representa as diferenças de polarização e adição dos diferentes territórios no debate brasileiro face ao debate global (o dos 12 países no seu conjunto) nos últimos 12 meses. A posição (0,0) significa polarização e adição idênticas às do debate global. O tamanho do círculo exprime o volume do debate.

O DEBATE EM TORNO DO ABORTO ESTÁ A POLARIZAR-SE E CRESCE 183% DEVIDO AO CHOQUE DE POSIÇÕES ENTRE OS CATÓLICOS E OS QUE PRETENDEM ACABAR COM A PRÁTICA CLANDESTINA.



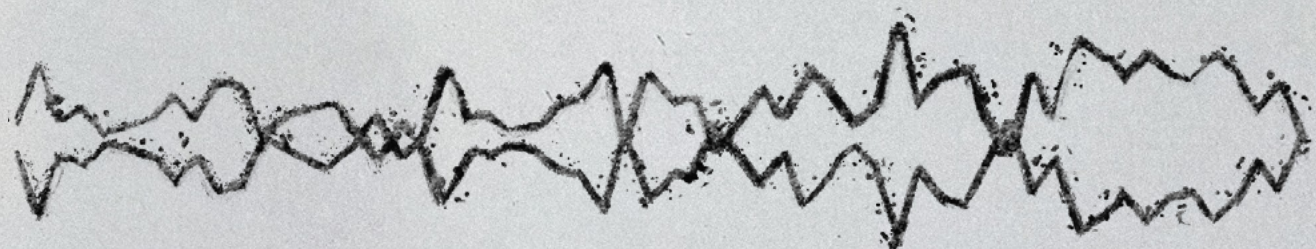
TERRITÓRIOS COM O MAIOR CRESCIMENTO DE POLARIZAÇÃO NO BRASIL

* crescimento comparativo entre os seis meses iniciais e os seis meses finais do estudo.

A liberdade de expressão, partindo de uma posição moderada, é o território que registou o maior crescimento relativo, polarizando-se 2,3 vezes mais.

Imigração, um território polarizado mas com pouco volume e o único que regride.

AS VOZES CONSERVADORAS EMPATAM NA PANDEMIA E NA CAMPANHA PARA AS ELEIÇÕES DE 2022.



2018

2019

2020

2021

2022

VOLUME DE DEBATE POR IDEOLOGIA NO BRASIL

↑ Progressivos
↓ Conservadores

Os progressistas têm uma presença cinco vezes maior quando se fala de racismo.

Liderados por um maior volume de debates sobre liberdade de expressão e aborto, os conservadores recuperaram 31% do terreno nos últimos cinco meses até empatarem.

NO
MÉXICO . . .

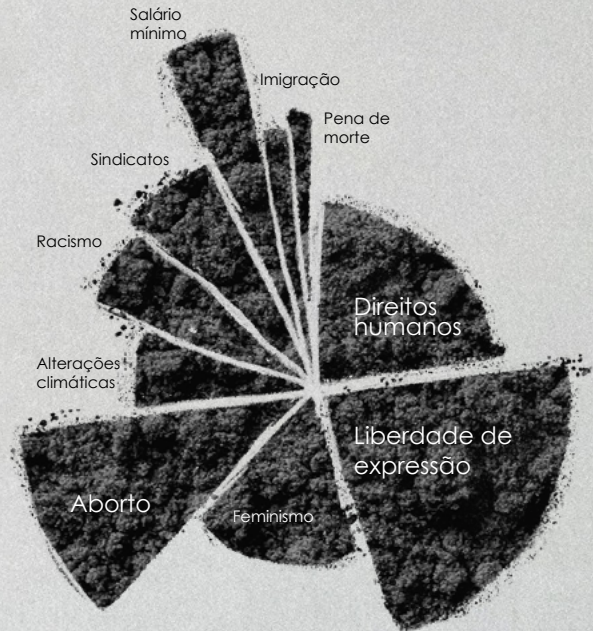
LIBERTAD DE EXPRESIÓN ES EL TERRITORIO QUE MÁS POLARIZA EN MÉXICO.

TOP DOS TERRITÓRIOS NO MÉXICO ATUALMENTE

Os direitos humanos, que mobilizam o maior volume de debates, estão bastante ligados à liberdade de expressão (correlação de 88%) mas com 28% menos polarização.

Devido à situação fronteiriça com os EUA, observam-se poucas conotações negativas em relação à imigração, sendo este um dos territórios com menos notoriedade no país.

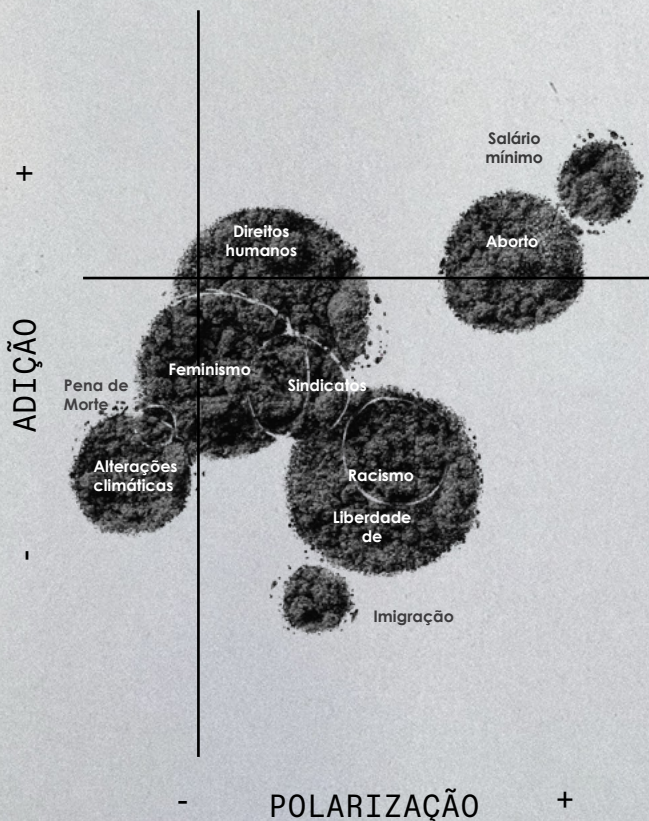
Nota: O ângulo da fatia representa o volume do debate, enquanto o raio representa a polarização nos diferentes territórios no México durante os últimos 12 meses.



Vol. debate
- ▽ ▽ ▽ +

Polarização
- ▽ ▽ ▽ +

O MÉXICO É CLARAMENTE O PAÍS MENOS POLARIZADO.



DIFERENCIAL ENTRE O DEBATE MEXICANO E O GLOBAL ATUALMENTE.

Apenas o aborto e o salário mínimo revelam uma polarização e uma adição superiores à média global.

Embora revelem um volume considerável, há maior consenso no feminismo e nas alterações climáticas do que nos restantes países da América Latina, evidenciando uma polaridade muito menor e uma adição mais moderada.

Nota: O gráfico representa as diferenças de polarização e adição dos diferentes territórios no debate mexicano face ao debate global (o dos 12 países no seu conjunto) nos últimos 12 meses. A posição (0,0) significa polarização e adição idênticas às do debate global. O tamanho do círculo exprime o volume do debate.

A LIBERDADE DE EXPRESSÃO GERA 7,4 VEZES MAIS DEBATES POLARIZADOS E É A ÁREA QUE MAIS CRESCEU NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS, SEGUIDA PELOS DIREITOS HUMANOS (1,6 VEZES MAIS).

1. Liberdade de expressão

2. Direitos humanos

3. Racismo

4. Aborto

5. Feminismo

TERRITÓRIOS COM O MAIOR CRESCIMENTO DE POLARIZAÇÃO NO MÉXICO.

* crescimento comparativo entre os seis meses iniciais e os seis meses finais do estudo.

As leis estatais aprovadas para a legalização do aborto fazem deste um dos territórios mais polarizados, com um crescimento de 76%.

A pena de morte e o salário mínimo são os territórios que decrescem.

AS VOZES CONSERVADORAS TÊM UMA LIGEIRA VANTAGEM SOBRE AS PROGRESSISTAS DESDE A ENTRADA EM FUNÇÕES DE LÓPEZ OBRADOR.



2018

2019

2020

2021

2022

VOLUME DE DEBATE POR IDEOLOGIA NO MÉXICO

↑ Progressivos
↓ Conservadores

O aborto (+57%) e o racismo (+52) são as principais áreas dominadas pelos progressistas.

Em particular, a luta feminista é liderada por comunidades sem uma filiação política clara, e os conservadores têm uma presença mais forte.

PERITOS CONVIDADOS

MÁS DEMOCRACIA

[linkedin](#)

[twitter](#)

JOAN NAVARRO

Sócio e Vice-Presidente de Assuntos Públicos na LLYC, sociólogo e Professor Associado de Ciência Política e Administração na UCM
mail: jnavarro@llorenteycuenca.com

[linkedin](#)

[twitter](#)

PATRICIA FERNÁNDEZ

Psicóloga Clínica
mail: patricia.fernandez.hrc@gmail.com

[linkedin](#)

[twitter](#)

BELÉN CARRASCO

Investigadora sénior e directora adjunta de Eyes on Russia, Centre for Information Resilience
mail: belen@info-res.org

[linkedin](#)

[twitter](#)

MARIANO SIGMAN

Neurocientista e autor de "The Power of Words" (O Poder das Palavras)
mail: mariuchu@gmail.com

[linkedin](#)

[twitter](#)

FERNANDO NIETO MORALES

Professor de Administração Pública no Colegio de México (COLMEX)
mail: fnieto@colmex.mx

[linkedin](#)

[twitter](#)

CRISTINA MONGE

Doutorada em Ciência Política pela Universidade de Saragoça, é especialista em políticas ambientais e sustentabilidade
mail: crismongel@gmail.com

[linkedin](#)

[twitter](#)

GONZALO VELASCO

Professor de Filosofia no Departamento de Humanidades: Filosofia, Língua e Literatura na Universidade Carlos III de Madrid
mail: gvelasco@hum.uc3m.es

[linkedin](#)

[twitter](#)

AS EQUIPAS

GESTÃO GERAL DO PROJETO

ADOLFO CORUJO

Sócio e CEO Deep Digital Business
mail: acorujo@llorenteycuenca.com

[linkedin](#)

[twitter](#)

DAVID GONZÁLEZ NATAL

Parceiro e Diretor Geral Região Norte
mail: dgonzalezn@llorenteycuenca.com

[linkedin](#)

[twitter](#)

ALBERT MEDRÁN

Diretor Corporativo
mail: amedran@llorenteycuenca.com

[linkedin](#)

[twitter](#)

MARKETING/ COORDENAÇÃO GERAL DO PROJECTO

MARIANA MALAGUTTI

Diretora Global
mail: mmalagutti@llorenteycuenca.com

[linkedin](#)

CRISTINA PEÑALOZA SANDOBAL

Gestora da Região Europa
mail: cpenaloza@llorenteycuenca.com

[linkedin](#)

[twitter](#)

ADRIANA SANDOBAL

Designer Gráfica Sênior
mail: asandobal@llorenteycuenca.com

[linkedin](#)

DEEP LEARNING GLOBAL/ ANÁLISE DOS DADOS

MIGUEL LUCAS

Diretor de Inovação

mail: mlucas@llorenteycuenca.com

[linkedin](#)

[twitter](#)

BEÑAT SAN SEBASTIAN

Gerente

mail: benat.sansebastian@llorenteycuenca.com

[linkedin](#)

[twitter](#)

CRIATIVIDADE E DESIGN

JULIO ALONSO CABALLERO

Diretor Criativo Executivo

mail: jalonso@llorenteycuenca.com

[linkedin](#)

[twitter](#)

GUSTAVO RODRÍGUEZ

Diretor de Arte

mail: grodriguez@llorenteycuenca.com

MARTA CORDOMÍ PRAT

Consultora Sênior

mail: mcordomi@llorenteycuenca.com

[linkedin](#)

PABLO HERNÁNDEZ DE URRUTIA

Consultor Sênior

mail: daniel.rosero@llorenteycuenca.com

[linkedin](#)

DANIEL ROSERO

Consultor

mail: daniel.rosero@llorenteycuenca.com

[linkedin](#)

JESSICA RUEDA

Designer Gráfica

mail: jrueda@llorenteycuenca.com

REDACÇÃO DO RELATÓRIO

DIRECÇÃO GERAL CORPORATIVA

PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

DESENVOLVIMENTO WEB

ARTURO PINEDO

Parceiro e Chefe de Cliente Europa
mail: apinedo@llorenteycuenca.com
[linkedin](#)

IGNACIO DOADRIO

Gerente
mail: idoadrio@llorenteycuenca.com
[linkedin](#)
[twitter](#)

ANDREA PAREDES

Consultora Sénior
mail: aparedes@llorenteycuenca.com
[linkedin](#)
[twitter](#)

REBECA GARROBO

Gerente
mail: rgarrobo@llorenteycuenca.com
[linkedin](#)
[twitter](#)

ORIOL CUADERN PUIG

Diretor e Produtor
mail: ocudern@llorenteycuenca.com
[linkedin](#)

DANIEL FERNÁNDEZ TREJO

Diretor Sénior de Deep Learning
mail: dfernandez@llorenteycuenca.com
[linkedin](#)
[twitter](#)

JOSÉ LUIS RODRÍGUEZ

Diretor
mail: jlrodriguez@llorenteycuenca.com
[linkedin](#)
[twitter](#)

PR**TERESA REY**

Diretora de Consumer Engagement e Digital

mail: trey@llorenteycuenca.com

[linkedin](#)

JOAQUÍN VIZMANOS

Diretor de Relações de Informação

mail: jvizmanos@llorenteycuenca.com

[linkedin](#)

[twitter](#)

ALEJANDRO SAMPEDRO

Diretor de Comunicação Financeira

mail: asampedrol@llorenteycuenca.com

[linkedin](#)

[twitter](#)

**INFLUÊNCIA
DIGITAL****STEPHANY HIGHGRACE**

Consultora Sênior

mail: saltagracia@llorenteycuenca.com

[linkedin](#)

[twitter](#)

NEUS CUADRADO

Consultora Júnior

mail: neus.cuadrado@llorenteycuenca.com

[linkedin](#)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arias Maldonado, M. (2016). La democracia sentimental: política y emociones en el siglo XXI. Madrid: Página Indómita.
- Broncano, F. (2019). Puntos ciegos. Ignorancia pública y conocimiento privado. Madrid: Lengua de Trapo.
- HAN, B. (2022). Infocracia: La digitalización y la crisis de la democracia, Barcelona, Taurus, (ePub)
- Echeburúa, E. (18 de abril de 2018). "¿Cómo y quiénes se hacen adictos a las redes sociales?". El País. https://elpais.com/tecnologia/2018/04/06/actualidad/1523003059_867092.html
- Edelman Trust Barometer (2022) <https://www.edelman.com/trust/2022-trust-barometer>
- Furman, K. (2022). Epistemic Bunkers, Social Epistemology, DOI: 10.1080/02691728.2022.2122756
- Garmendia, A., León, S. (2021). Polarización y convivencia en España en 2021. El papel de lo territorial. Encuesta ICIP - EsadeEcPol2021.
- Hateblockers. (s.f.). <https://hateblockers.es/polarizacion-redes-sociales-papel-de-influencers/>
- Levy, N (2022). Bad Beliefs. Why They Happen to Good People. Oxford University Press.
- Navajas, J., Álvarez, F., Heduan, J., Garrido, M., González, P., Garabulsky, G., Ariely, D., Sigman, M. (2019). Reaching Consensus in Polarized Moral Debates. Current Biology Report, 4124-4129.
- Nguyen, C. (2020). Echo Chambers and Epistemic Bubbles. Episteme, 17(2), 141-161. doi:10.1017/epi.2018.32
- Rodríguez-Virgili, J., Serrano-Puche, J. (2018). Medios de comunicación y opinión pública en España: una aproximación desde la teoría de Agenda Setting, 27-39, Universidad de Navarra
- Sánchez Cuenca, I. (2022). El desorden político. Democracia sin intermediación. Barcelona: Catarata.
- Sigman, M. (2022). El poder de las palabras: cómo cambiar tu cerebro (y tu vida) conversando. Madrid: Debate.
- Törnberg, P., Andersson, C., Lindgren, K., Banisch, S. (2021) Modeling the emergence of affective polarization in the social media society, <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0258259> <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371%2Fjournal.pone.0258259>
- Viciana H, Hannikainen IR, Gaitán Torres A (2019) The dual nature of partisan prejudice: Morality and identity in a multiparty system. PLoS ONE 14(7): e0219509.

THE H D

The
Hidden
Drug.